

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>A educação no Brasil e no mundo [recurso eletrônico] : avanços, limites e contradições 6 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (A Educação no Brasil e no Mundo. Avanços, Limites e Contradições; v. 6)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-966-0 DOI 10.22533/at.ed.660202301</p> <p>1. Educação. 2. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ítaca

Se partires um dia rumo à Ítaca

Faz votos de que o caminho seja longo repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem lestrigões, nem ciclopes, nem o colérico Posidon te intimidem!

Eles no teu caminho jamais encontrarás.

Se altivo for teu pensamento

Se sutil emoção o teu corpo e o teu espírito tocar

Nem lestrigões, nem ciclopes

Nem o bravio Posidon hás de ver

Se tu mesmo não os lewares dentro da alma

Se tua alma não os puser dentro de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.

Numerosas serão as manhãs de verão

Nas quais com que prazer, com que alegria

Tu hás de entrar pela primeira vez um porto

Para correr as lojas dos fenícios e belas mercancias adquirir.

[...] Tem todo o tempo Ítaca na mente.

Estás predestinado a ali chegar.

Mas, não apresses a viagem nunca.

Melhor muitos anos lewares de jornada

E fundeares na ilha velho enfim.

Rico de quanto ganhaste no caminho

Sem esperar riquezas que Ítaca te desse. [...]

(KAVÁFIS, 2006, p. 146-147)

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que

atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter

de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha do sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PRÁTICAS DE ORALIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL Elaine Kendall Santana Silva Nataniele Fernandes dos Reis DOI 10.22533/at.ed.6602023011	
CAPÍTULO 2	15
PRODUÇÃO DE VÍDEOS E CONFECÇÃO DE MAQUETES: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA AULA DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO Luzia Gomes Lira Irlei Gomes de Oliveira Andrade DOI 10.22533/at.ed.6602023012	
CAPÍTULO 3	25
PRODUÇÃO SONORA, SEMIÁRIDO E POLÍTICA: OS SPOTS PRODUZIDOS PELA ARTICULAÇÃO SEMIÁRIDO BRASILEIRO – ASA EM 2016 Anaelson Leandro de Sousa DOI 10.22533/at.ed.6602023013	
CAPÍTULO 4	35
PROJETOS DE APRENDIZAGEM E GAMIFICAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR Anibal Lopes Guedes Fernanda Lopes Guedes Eliane Schlemmer DOI 10.22533/at.ed.6602023014	
CAPÍTULO 5	52
QUEIMADAS NO ACRE: UM PROBLEMA DO VERÃO AMAZÔNICO Lívia Fernandes dos Santos Fernando Neri de Arruda Jordana Souza Paula Riss DOI 10.22533/at.ed.6602023015	
CAPÍTULO 6	59
REDAÇÃO DE SURDOS: UMA JORNADA EM BUSCA DA AVALIAÇÃO ESCRITA Maria do Carmo Silva Ribeiro DOI 10.22533/at.ed.6602023016	
CAPÍTULO 7	63
RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ELPÍDIO BARBOS AMACIEL EM SÃO BENTO DO UNAPE: O CASO DA CLASSIFICAÇÃO DO RELEVO BRASILEIRO SEGUNDO JURANDYR ROSS Josenildo Odilon de Lima Lindhiane Costa de Farias Manoel Felix da Silva DOI 10.22533/at.ed.6602023017	

CAPÍTULO 8	66
RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A UTILIZAÇÃO DO KAHOOT COMO FERRAMENTA INTERATIVA PARA O ENSINO APRENDIZAGEM	
Sandra Rosimere Hermes dos Santos Eronice Rodrigues Francisco Sérgio Santos Silva Filho	
DOI 10.22533/at.ed.6602023018	
CAPÍTULO 9	71
RETRATOS DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL EM ITABIRITO/MG	
José Erildo Lopes Júnior Marcos Gonzaga	
DOI 10.22533/at.ed.6602023019	
CAPÍTULO 10	84
ROTA ACESSÍVEL – DIRETRIZES DE PROJETO DE REFORMA/ADAPTAÇÃO ESCOLAR	
Gabriel Moraes de Bem Aryane Spadotto Jorge Armino Sell Roberta Costa Ribeiro da Silva André Gustavo Müller Giovana Gonçalves Gustavo Gabriel Hoffmann Lana Stefany Neves Izidro Luis Felipe Borges Sabrina Thiem	
DOI 10.22533/at.ed.66020230110	
CAPÍTULO 11	88
SALA DE AULA INVERTIDA (ADAPTADA): FACILITADORA DO PROCESSO DE ENSINOAPRENDIZAGEM DE QUÍMICA	
Renata Gonçalves da Mata Costa	
DOI 10.22533/at.ed.66020230111	
CAPÍTULO 12	97
SELEÇÃO DE MATERIAIS A PARTIR DA ANÁLISE MICROESTRUTURAL: A APRENDIZAGEM PELA PRÁTICA E A DIDÁTICA PROFISSIONAL	
Eduardo do Nascimento Karasinski	
DOI 10.22533/at.ed.66020230112	
CAPÍTULO 13	105
SENTIDOS RETÓRICOS NAS LETRAS ALEMÃS DO MEDIEVO: CAMINHOS PARA A INTERPRETAÇÃO RETÓRICA DOS ROMANE CAVALEIRESCOS EM MÉDIO ALTO ALEMÃO (<i>MITTELHOCHDEUTSCH</i>)	
Marcus Baccega	
DOI 10.22533/at.ed.66020230113	

CAPÍTULO 14 113

SOROBAN COMO INSTRUMENTO TECNOLÓGICO DE APRENDIZAGEM MATEMÁTICA NA EJA

Isnaele Santos da Silva
Simone Maria Chalub Bandeira Bezerra
Salete Maria Chalub Bandeira
Denison Roberto Braña Bezerra
Mário Sérgio Silva de Carvalho
Everton dos Reis Araújo
Andrea Bastos dos Santos
Conceição Lima da Silva

DOI 10.22533/at.ed.66020230114

CAPÍTULO 15 123

STRATEGOS- O JOGO DIGITAL COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DE EGRESSOS DE ENGENHARIA

Marcos Baroncini Proença
Dayse Mendes
Fernanda Fonseca
Viviana Raquel Zurro
Luciano Zurro Stelle

DOI 10.22533/at.ed.66020230115

CAPÍTULO 16 130

TEORIA HUMANISTA, TEORIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E TEORIA DA INSTRUÇÃO PRESCRITIVA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO CONTEMPÔRANEA

Elivania Toledo Rodrigues
Silvana Mara Lente
Odenise Jara Gomes
Vania de Oliveira Silva
Elisangela de Oliveira Silva
Solange Teresinha Carvalho Pissolato
Marinalva Pereira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.66020230116

CAPÍTULO 17 140

TRADUÇÃO E ALTERIDADE NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: UMA ABORDAGEM NO ENSINO DE LE A CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RISCO SOCIAL

Rosanne Castelo Branco

DOI 10.22533/at.ed.66020230117

CAPÍTULO 18 149

TRANSDISCIPLINARIDADE E NEUROCIÊNCIA DA APRENDIZAGEM EM UM CONTEXTO DE HORTA ESCOLAR

Nágila Maria Silva Oliveira
Roberto Mamedio Bastos
Kelly Cebelia das Chagas do Amaral

DOI 10.22533/at.ed.66020230118

CAPÍTULO 19	154
TRANSPORTE SUSTENTÁVEL E FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CICLISMO NO ENTORNO DO PARQUE ESTADUAL DO PROSA (PEP) EM CAMPO GRANDE/MS	
Guilherme Pires Veiga Martins Edson Pereira de Souza Icléia Albuquerque de Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.66020230119	
CAPÍTULO 20	169
UM ESTUDO SOBRE A TRAJETÓRIA DE JOVENS ESTUDANTES: TRABALHO, IDENTIDADE, AUTORIA E SEUS SILENCIAMENTOS	
Alexandra Tagata Zatti Tânia Regina Raitz Kátia Regina Hillesheim	
DOI 10.22533/at.ed.66020230120	
CAPÍTULO 21	178
VIAGEM NOS MAPAS	
Lia Margot Dornelles Viero Elsbeth Léia Spode Becker Natália Lampert Batista	
DOI 10.22533/at.ed.66020230121	
CAPÍTULO 22	192
INOVAÇÃO NOS CARDÁPIOS DA ALIMENTAÇÃO ESCOLAR DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS/SC	
Vanessa Fernandes Davies Marcela Kruger Correa Emanoelle Nazareth Fogaça Marcos Nicole Pelaez	
DOI 10.22533/at.ed.66020230122	
CAPÍTULO 23	203
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO AMBITO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Silvana Mara Lente Odenise Jara Gomes Vania de Oliveira Silva Elisangela de Oliveira Silva Solange Teresinha Carvalho Pissolato Marinalva Pereira dos Santos Elivania Toledo Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.66020230123	
CAPÍTULO 24	214
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO: UM RELATO DA RECEPÇÃO DO POEMA DO AUTOR CRAVEIRINHA, COMO SUBSÍDIO PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA E DOS PROCESSOS IDENTITÁRIOS EM MOÇAMBIQUE	
Altair Sofientini Ciecowski	

Amarildo Bertasso

DOI 10.22533/at.ed.66020230124

CAPÍTULO 25 220

MÉTODOS INOVADORES NO PROCESSO DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE:
UMA ANÁLISE COM TURMAS DOS 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE
COMUNIDADES CARENTES NO ENTORNO DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA - PA

Danilo Marcus Barros Cabral

DOI 10.22533/at.ed.66020230125

CAPÍTULO 26 228

CORPOS-TEXTO NA IMENSIDÃO DE HISTÓRIAS INCOMPLETAS: A SEXUALIDADE
COMO DISPOSITIVO DE SENTIDOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Luiz Henrique Moreira Soares

Heitor Messias Reimão de Melo

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Maria Regina Momesso

Débora Cristina Machado Cornélio

Andreza de Souza Fernandes

Monica Soares

Carlos Simão Coury Corrêa

Valquiria Nicola Bandeira

DOI 10.22533/at.ed.66020230126

SOBRE A ORGANIZADORA..... 245

ÍNDICE REMISSIVO 246

RETRATOS DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL EM ITABIRITO/MG

Data de aceite: 02/01/2020

José Erildo Lopes Júnior

Mestre em Educação e Docência – UFMG
juniorformat2003@yahoo.com.br

Marcos Gonzaga

Mestre em Educação – UFOP
gonzagamarcos45@gmail.com

RESUMO: Este trabalho apresenta um levantamento preliminar das características e aspectos de educandos da EJA em uma escola no município de Itabirito/MG. Seu objetivo é contribuir com a construção de um quadro do perfil dos educandos a nível regional como vem sendo realizado em estudos recentes e apontamos os caminhos utilizados para a construção dos perfis de alunos. Para tanto utilizamos como metodologia a pesquisa qualitativa aproveitando alguns dados levantados a fim de descrevê-los e tecer algumas interpretações. Para a coleta de dados utilizou-se um questionário semiaberto aplicado a 82 alunos de turmas do segundo segmento da EJA. A partir das respostas ao questionário foi possível sistematizar as informações visando à compreensão da realidade dos alunos da EJA na escola estudada. Apresentamos alguns resultados encontrados em forma de gráficos paralelamente as nossas análises. Por fim,

esperamos que os dados sejam relevantes e contribuam para uma visão geral na elaboração de propostas que favoreçam o desenvolvimento da EJA.

PALAVRAS-CHAVE: Perfil de alunos; Educação de Jovens e Adultos; Região dos Inconfidentes.

PORTRAITS OF STUDENTS OF YOUTH AND ADULT EDUCATION IN A MUNICIPAL SCHOOL IN ITABIRITO / MG

ABSTRACT: This work presents a preliminary survey of the characteristics and aspects of EJA students in a school in the municipality of Itabirito / MG. Its objective is to contribute to the construction of a profile of learners at the regional level as has been done in recent studies. We first traced a brief history of the EJA in school and pointed out the paths used to construct student profiles. For this we use as methodology the qualitative research taking advantage of some data collected in order to describe them and to make some interpretations. For the data collection, a semi-open questionnaire was applied to 82 students from the second segment of the EJA. From the answers to the questionnaire it was possible to systematize the information aiming at understanding the reality of the students of the EJA in the school studied. We present some results found in the form of

graphs in parallel with our analyzes. Finally, we hope that the data will be relevant and contribute to an overview in the preparation of proposals that favor the development of the EJA.

KEYWORDS: Student profile; Youth and Adult Education; Region of the Inconfidentes.

RETRATOS DE ALUMNOS DE LA EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS EN UNA ESCUELA MUNICIPAL EN ITABIRITO / MG

RESUMEN: Este trabajo presenta un relevamiento preliminar de las características y aspectos de los educandos de la EJA en una escuela en el municipio de Itabirito / MG. Su objetivo es contribuir con la construcción de un cuadro del perfil de los educandos a nivel regional como viene siendo realizado en estudios recientes y apuntamos los caminos utilizados para la construcción de los perfiles de alumnos. Para ello utilizamos como metodología la investigación cualitativa aprovechando algunos datos levantados a fin de describirlos y tejer algunas interpretaciones. Para la recolección de datos se utilizó un cuestionario semiabierto aplicado a 82 alumnos de clases del segundo segmento de la EJA. A partir de las respuestas al cuestionario fue posible sistematizar las informaciones para la comprensión de la realidad de los alumnos de la EJA en la escuela estudiada. Presentamos algunos resultados encontrados en forma de gráficos paralelamente a nuestros análisis. Por último, esperamos que los datos sean relevantes y contribuyan a una visión general en la elaboración de propuestas que favorezcan el desarrollo de la EJA.

PALABRAS CLAVE: Perfil de alumnos; Educación de Jóvenes y Adultos; Región de los Inconfidentes.

1 | INTRODUÇÃO

O retrato das “características e aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais” (MACHADO, 2002, p. 47) dos estudantes que frequentam a Educação de Jovens e Adultos constitui importante temática em investigações educacionais sobre esta modalidade¹. Com base em observações sobre a realidade dos educandos da EJA diversos estudos têm buscado mais do que simplesmente reproduzir os pareceres da legislação educacional com respeito à realização de um “diagnóstico da realidade concreta dos alunos da EJA” (CNE/CEB, 2010). Eles têm procurado priorizar os perfis dos estudantes da EJA para além da recuperação de espaços e tempos negados discutindo formas de proporcionar, a esse público, outros caminhos e desejos no exercício da cidadania (COSTA; ARAÚJO, 2016). O traçado de um retrato dos estudantes da EJA, inerente à formação dos professores e à organização dos conteúdos para a educação básica, tem possibilitado verificar os pontos comuns e as diferenças nas diversidades locais contribuindo para uma visão geral da situação

¹ Ver em Haddad (2002, p. 14) quadro de constituição do elenco temático e subtemático para análise da produção de pesquisas em Educação de Jovens e Adultos no período 1986-1998.

do educando e, no âmbito maior, na elaboração de propostas que favoreçam o desenvolvimento da EJA.

Para Arroyo, o público da EJA é constituído por jovens e adultos “trabalhadores, pobres, negros, subempregados, oprimidos, excluídos”. Onde os “lugares sociais” a eles reservados condicionarem “a sua educação no conjunto das políticas oficiais” (ARROYO, 2006, p. 221)².

Assim, neste trabalho, ao apresentar um levantamento das características e aspectos dos educandos da EJA, serão discutidos os aspectos relacionados com o excerto de uma pesquisa de mestrado profissional conduzida com 82 alunos matriculados no segundo segmento da EJA em uma escola pública municipal situada na cidade de Itabirito, em Minas Gerais. O principal objetivo desse estudo foi contribuir com a construção de um quadro do perfil do educando da EJA a nível regional como vem sendo realizado em estudos recentes (ARAÚJO; COUTRIM; OLIVEIRA, 2016)³. Considera-se aqui um trabalho inicial, pois que realizado em apenas uma escola, cabe a trabalhos posteriores um levantamento que abranja outras escolas e níveis de ensino de EJA no município.

Nesse sentido, utiliza-se informações empíricas retiradas de dados coletados durante a condução do trabalho de campo da pesquisa intitulada Reflexões sobre o ensino de Frações na EJA, desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Traçam-se os caminhos utilizados para alcançar os alunos na construção dos perfis na EJA para, em seguida, descrevê-los e tecer algumas interpretações a partir dos dados coletados.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação de Jovens e Adultos – EJA - é uma modalidade da Educação Básica ofertada nas etapas do Ensino Fundamental e Médio. A EJA é uma política pública de educação direcionada a alunos e alunas de escolarização básica incompleta ou nem iniciada. Esses jovens e adultos, em sua maioria, buscam novamente, em algum momento de suas vidas, o sistema escolar na intenção de recuperar os anos de escolarização interrompidos por reprovações e/ou evasão.

2 Entretanto, não podemos esquecer que o lugar social, político, cultural pretendido pelos excluídos como sujeitos coletivos na diversidade de seus movimentos sociais e pelo pensamento pedagógico progressista tem inspirado concepções e práticas de educação de jovens e adultos extremamente avançadas, criativas e promissoras nas últimas quatro décadas. Essa história faz parte também da memória da EJA. É outra história na contramão da história oficial, com concepções e práticas por vezes paralelas e até frequentemente incorporada por administrações públicas voltadas para os interesses populares. (ARROYO, 2001, p. 221-222)

3 Tais estudos compreendem um levantamento do perfil de alunos da EJA em escolas municipais das cinco cidades da Região dos Inconfidentes em Minas Gerais: Itabirito, Ouro Preto, Mariana, Acaiaca e Diogo de Vasconcelos, abrangendo um total de 1106 estudantes.

De uma maneira mais alargada, o processo de interrupção da vida escolar desses Jovens e Adultos não pode ser visto como um acontecimento isolado de reprovação ou de evasão, individualizando esses momentos em cada um desses sujeitos. É necessário considerar o processo de exclusão social e cultural a que são submetidos. Assim, é certo afirmar que a EJA é, em sua quase totalidade, voltada aos *excluídos*.

Na EJA são recebidos os jovens e adultos que não completaram os anos da educação básica em idade apropriada. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais⁴, é possível considerar como características marcantes da maioria dos sujeitos que frequentam a EJA: a curiosidade, a receptividade para com a aprendizagem, além da expectativa de terem um ambiente escolar que corresponda com o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas. São alunos e alunas, muitas vezes, desempregados, donas de casa, jovens, pessoas com idade mais avançada, marcados por um discurso de auto depreciação, que não se sentem capazes, são indisciplinados, que desistem, que a escola só aceita no turno noturno, trabalhadores com baixa qualificação.

Ainda a respeito do perfil do aluno e aluna da EJA, estudos como Rosa e Orey (2013) e Fonseca (2002) indicam que esses alunos são muito colaboradores com a discussão sobre ensino, pois externalizam melhor as suas disposições, e são mais abertos para aceitar que se crie um cenário de investigação diante das atividades propostas. Rosa e Orey (2010) nos afirmam que muitas vezes, em sala de aula, os alunos e alunas da EJA se mostram tímidos e passivos na recepção da informação, por se sentirem inseguros ao serem avaliados.

Nesse sentido, Macgregor e Moore (1991), em seus estudos, concluem que é importante que a linguagem utilizada nas salas de aula reproduza a fala empregada pelos alunos e pelas alunas da EJA em seu cotidiano, possibilitando assim que a bagagem de conhecimento acumulado em sua vida esteja viva nesse ambiente. Ou seja, que eles reconheçam que possuem uma cultura própria permeada por valores, expectativas, costumes, tradições e condições, historicamente construídas, a partir de contribuições individuais e coletivas, se sentindo mais ambientados e valorizados (BRASIL, 2002).

Estudos como Ceratti (2008), Fortunato (2010), Souza e Alberto (2008), nos indicam uma variedade de motivos que levam esses jovens e adultos a saírem da escola, entre eles, a necessidade de ajudarem no sustento em casa, a constituição de uma família e a falta de motivação ou desinteresse desenvolvida ao longo dos anos escolares.

Nessa linha de pensamento, alunos jovens e adultos procuram novamente a escola por diversos motivos, seja porque não tiveram oportunidade enquanto criança e têm o sonho do estudo, seja pelo “diploma”; há aqueles que, após anos de trabalho,

4 PCN – MEC – Brasil, 1996 – projeto curricular para a escola básica.

percebem no estudo uma oportunidade de aposentadoria melhorada através da aprendizagem em sala de aula; outros, cuja condição de continuar no emprego está atrelada ao estudo. E há, ainda, aqueles cujas reprovações ou imposição judicial o fizeram buscar a EJA; esses são os casos mais comuns.

Oliveira (1996) aponta que o retorno à escola “significa um marco decisivo no restabelecimento dos seus vínculos com o conhecimento escolar, libertando-os do estigma do analfabetismo e dos sentimentos de inferioridade” (p. 37). Para Santos (2003, p. 111), o estudo é para “adquirir coisas, é [para] você poder se sentir, se posicionar diante da vida e das pessoas”. Para Camargo e Martinelli (2006, p. 199), “o significado de ser alfabetizado está vinculado à questão da ascensão social, mas principalmente com a autoestima”.

Porém, o aluno que teve a oportunidade de voltar a estudar com objetivo de conclusão dificilmente evade. Exceto em casos de mudança de emprego/horários incompatíveis, e/ou questões familiares. A representação de escola que este público tem ou traz consigo, é que este local vai proporcionar a alfabetização, a participação e a sua inclusão na sociedade.

Como bem coloca Andrade (2011, p.2), “é preciso adotar estratégias pedagógicas e metodologias orientadas para a otimização da formação específica de professores e gestores responsáveis por esse modo de fazer educação”, assim como construir uma nova institucionalidade nos sistemas de ensino.

Pesquisas, como Souza (1994), Oliveira (1996), Santos (2003), indicam que eles têm ritmos de aprendizagem e estruturas de pensamentos diferentes em relação aos alunos dos anos regulares. Dessa forma, quando retornam à escola, trazem um modelo de contrato didático construídos em experiências escolares anteriores ou da representação da escola na qual estudaram (BRASIL, 2002).

Sendo assim, faz-se necessário na EJA “estimular, valorizar e oferecer subsídios para enriquecer as manifestações e produções dos alunos contribuindo para que eles se reconheçam como produtores da cultura, como seres capazes de propor, criar e participar ativamente da sociedade” (BRASIL, 2002). Faz muito mais sentido, já que lidamos com sujeitos já mais vividos, enredar suas experiências na escola.

2.1 A eja no centro educacional municipal de itabirito

Itabirito é um município da Região dos Inconfidentes no Estado de Minas Gerais. O início de sua formação data do ano de 1709 com os primeiros núcleos de habitantes na região. Como freguesia de Ouro Preto, foi nomeada Itabira do Campo em 1745. No ano de 1923 foi elevado à categoria de cidade, já denominado Itabirito, nome originário da língua Tupi, que significa “pedra que risca vermelho” - minério de ferro abundante na região. Quanto aos dados econômicos, as fontes de recursos

municipais provem de impostos arrecadados em função das atividades geradas pela mineração e o comércio⁵.

A proposta curricular nas escolas municipais de Itabirito para ensino fundamental na EJA⁶ segue o Currículo Básico Comum - CBC, além das diretrizes curriculares do Ensino Fundamental, conforme proposta do município. As escolas não têm autonomia para propor/elaborar sua própria construção curricular direcionada à EJA. Possui autonomia enquanto matriz curricular, no entanto tem que cumprir as exigências da legislação, como carga horária, grades curriculares, etc. Para a matrícula no Ensino Fundamental II (equivalente ao 6º ao 9º ano), a idade mínima estipulada, para o aluno, é de quinze anos.

As atividades da EJA na escola Centro Educacional Municipal de Itabirito iniciaram-se em 2006/2007, com uma única turma. Atualmente, a escola atende alunos em dois segmentos: no primeiro, uma turma para cada período (1º, 2º, 3º e 4º); no segundo, três turmas de 1º período (equivale a 6º e 7º anos) e três turmas de 3º período (equivale a 8º e 9º anos). Essa organização depende do número de matrículas que acontecem durante todo o mês que antecede o início das aulas. O quadro da escola, composto por 682 alunos, 130 alunos do 6º ano, 118 alunos do 7º ano, 115 alunos do 8º ano, 89 alunos do 9º ano e 230 alunos da EJA conta com o apoio pedagógico de quatro supervisoras, sendo uma no turno da manhã, duas no turno da tarde e uma no turno da noite. Na área administrativa, conta com uma Diretora e quatro Vice-diretores: (manhã, tarde e noite), além de três Secretárias e três Bibliotecárias. Seu corpo docente é composto por 52 professores, sendo 19 do turno da manhã, 19 do turno da tarde e 14 do turno da noite, sendo que alguns trabalham em dois turnos na mesma escola. Quanto à infraestrutura física, atualmente a escola possui dez salas de aula (todas equipadas com lousa digital), um laboratório de ciências, um laboratório de informática, sala de reforço, cozinha, refeitório, quadra de esportes, área de circulação coberta, seis banheiros, biblioteca, sala da diretoria, sala dos professores, e secretaria.

Cabe destacar a presença de uma coordenação da EJA nesta escola cujo trabalho ao lado da Direção e da supervisão pedagógica tem norteado os objetivos e metas para a EJA. Deste modo a Escola desenvolve alguns projetos que contemplam

5 Informações constantes em www.itabirito.mg/descubra-itabirito/historia. Acesso em : 16 jun. 2017.

6 Costa e Araújo (2016) a partir das falas de professores de EJA em escolas na cidade de Ouro Preto/MG inferem que “[a] pesar de sinalizar um processo de participação dos sujeitos da escola, na pessoa dos diretores, na confecção dos CBC, bem como a possibilidade de modificações nos componentes curriculares, o Estado parece estar distante de uma consonância com as escolas para alguns professores. Mesmo que a resolução indique que os CBC possam sofrer modificações a partir de avaliações dos responsáveis pela escola, a confecção dos currículos parece, para alguns professores, se pautar mais em processos de imposição de propostas advindas dos órgãos mandatários do governo Estadual, do que de uma participação efetiva daqueles que vivenciam o cotidiano da prática curricular nas escolas”. (COSTA; ARAÚJO, 2016, p. 5-6).

esta modalidade, dos quais podemos destacar o *Café com Prosa* que, com ocorrência anual, procura envolver todas as disciplinas no desenvolvimento de trabalhos que levem em conta os saberes e as vivências cotidianas dos alunos e o Fórum da EJA onde se debate, junto com os alunos e a comunidade, questões específicas. Este trabalho vem sendo desenvolvido desde a implantação da EJA no município não sem dificuldades. O ensino noturno da EJA enfrenta as já clássicas questões com respeito à população flutuante de professores, a ausência de formação específica e, muitas vezes o desconhecimento da realidade do estudante da EJA. Estas questões estão relacionadas, dentre outras, à falta de esclarecimentos “acerca das políticas para EJA neste município” (FREITAS, p. 74, 2014). Esta situação particular do município de Itabirito não constitui um fenômeno isolado e tange as políticas de formação de professores da educação básica a nível mais amplo. Segundo Bernadete Gatti (2014) pode se observar uma política nacional específica ausente que seja articulada e “dirigida à melhor qualificação da formação inicial de professores, em qualquer modalidade” (GATTI, 2014, p. 34).

3 | METODOLOGIA

Este trabalho apoia-se nos dados de uma pesquisa desenvolvida em 2014 no Programa de Pós-Graduação em Educação e Docência/Mestrado Profissional da UFMG⁷ tomando como espaço da pesquisa a escola Centro Educacional Municipal de Itabirito. Como metodologia, nos apoiamos em concepções da pesquisa qualitativa e utilizamos como ferramentas de análise e registros de dados um questionário semiaberto aplicado a 82 alunos de turmas do segundo segmento da EJA.

“Pode-se definir questionário como a técnica de investigação por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.” (GIL, 1999, p. 124).

Esses 82 alunos pertencem a duas turmas do segundo segmento da EJA no período noturno (EFII), cuja faixa etária varia de 15 a 60 anos e cada uma com 50 alunos matriculados, mas como no dia do questionário faltaram 18 alunos, aproveitamos os que estavam presentes. As escolhas das turmas foram aleatórias. Entramos e pedimos a gentileza em responder. Os educandos do segundo segmento, em sua quase totalidade, têm condução própria ou utilizam a carona com algum colega, sendo que um pequeno grupo de alunos utiliza o transporte escolar, fato visivelmente constatado no dia-a-dia da escola. Esses alunos buscam a escola por satisfação pessoal, continuidade dos estudos ou a melhoria no emprego. A partir

⁷ José Erildo Lopes Júnior. *Reflexões sobre o ensino de frações na EJA*. UFMG, 2017.

das respostas ao questionário foi possível sistematizar as informações visando à compreensão da realidade dos alunos da EJA na escola estudada e a seleção dos sujeitos para entrevista posterior⁸.

Os sujeitos participantes desta pesquisa são alunos do segundo segmento da Educação de Jovens e Adultos de uma escola pública municipal de Itabirito. Esses alunos foram selecionados por se caracterizarem como um público escolar que apresenta uma diversidade de conhecimentos e saberes originários de seu meio sociocultural e características significativas do perfil de alunos da EJA.

Arroyo descreve as características da demanda da Educação de Jovens e Adultos (EJA)

[...] Desde que EJA é EJA esses jovens adultos são os mesmos: pobres, desempregados, na economia informal, negros, nos limites da sobrevivência. São jovens e adultos populares. Fazem parte dos mesmos coletivos sociais, raciais, étnicos culturais. O nome genérico: educação de adultos oculta essas identidades coletivas. Trata-se de trajetórias coletivas de negação de direitos, de exclusão e marginalização; conseqüentemente a EJA tem de se caracterizar como uma política afirmativa de direitos de coletivos sociais, historicamente negados, tem de ir além das formas genéricas de tentar garantir direitos para todos. Trata-se de direitos negados historicamente. (ARROYO, 2006, p. 28-29)

Os perfis de alunos foram construídos a partir de categorias distintas, das quais para este trabalho destacamos: gênero, idade, naturalidade, estado civil, grau de escolaridade paterna e materna, exercício de atividade remunerada, tempo de frequência na EJA. Alguns resultados encontrados são apresentados neste texto através de gráficos, paralelamente às nossas análises sobre a situação dos alunos quanto às categorias gênero, idade e grau de escolaridade paterna e materna.

4 | DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Dos 82 alunos da escola Centro Educacional Municipal de Itabirito participantes da pesquisa a maioria pertence ao sexo masculino (52 alunos). São jovens com escolarização interrompida, que não trazem boas referências de escolas, solteiros, dependentes da família, com três reprovações ou mais, porém com objetivos definidos: buscar conhecimentos, cursar o ensino médio e trabalhar.

No total a idade dos participantes varia entre 15 e 65 anos. Destaca-se a grande presença de jovens entre 15 e 18 anos. Partindo deste princípio, o Parecer 11/2000 entende que a juvenilização ou adolescer da EJA:

É fruto de uma espécie de migração perversa de jovens entre 15 e 18 anos que não encontram o devido acolhimento junto aos estabelecimentos do ensino sequencial

⁸ Para a presente comunicação utilizamos apenas os dados sociais e econômicos recolhidos mediante questionário. Outros dados do questionário e entrevistas não foram contemplados por visarem ao conhecimento da realidade cognitiva dos alunos nos objetivos da pesquisa a que nos referimos.

regular da idade própria. Não é incomum se perceber que a população escolarizável de jovens com mais de 15 anos seja vista como “invasora” da modalidade regular da idade própria. E assim são induzidos a buscar a EJA, não como uma modalidade que tem sua identidade, mas como uma espécie de “lavagem das mãos” sem que outras oportunidades lhes sejam propiciadas. Tal indução reflete uma visada do tipo: a EJA é uma espécie de “tapa-buraco” (BRASIL, 2008, p.8).

Este perfil enquadra-se no quadro geral da propensão à juvenilização da EJA na região (Gráfico 1). Como demonstrado por Oliveira, Araújo e Coutrim (2016), a taxa percentual de jovens com menos de “25 anos na EJA na Região dos Inconfidentes é muito alto. Tal grupo etário representa mais de 50% dos estudantes da região nessa modalidade de ensino” (p. 3).

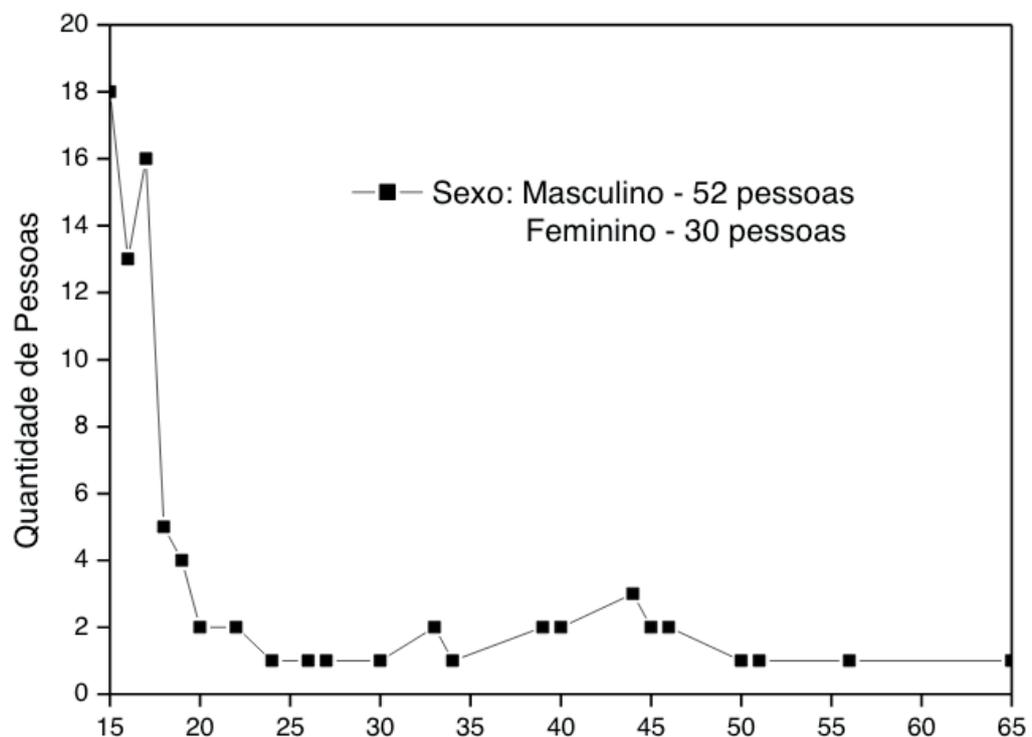


Gráfico 1: Perfil etário e de gênero da população pesquisada na escola Centro Educacional de Itabirito, 2014.

Fonte: LOPES JÚNIOR, J. E. Reflexões sobre o ensino de frações na EJA. UFMG, 2017.

Em estudo realizado em escola no município de Ouro Preto, Ferreira (2015), aponta como uma das causas do fenômeno de juvenilização na região, a mobilidades de jovens com menos de 18 anos do ensino fundamental II (6º ao 9º ano) para o segundo segmento da EJA, “trazendo uma história de reprovação de um, dois, três anos ou mais e, muitas vezes na mesma série” (p. 81). Confirma-se assim a hipótese de que as trajetórias de escolaridade percorridas por estes alunos mais jovens, pautadas por “reprovações e rupturas”, contribuem para o aumento da quantidade de alunos cada vez mais jovens no quadro da EJA. Pode-se constatar o estreitamento do vínculo “entre a exclusão precoce do Ensino Fundamental II e

a procura da EJA como uma possibilidade de integração social acessível a esses jovens pouco escolarizados” (FERREIRA, 2015, p. 81-82). De acordo com SILVA (2010)

Por muito tempo a EJA esteve configurada só como educação de jovens e adultos objetivando, principalmente, a alfabetização dessas pessoas. Com o rejuvenescimento da população que frequenta essa modalidade, a EJA deve alargar seu campo de prática e de análise, considerando os novos perfis e as novas circunstâncias históricas dos alunos adolescentes e jovens. Além disso, as faixas etárias, as necessidades, as potencialidades e as expectativas em relação à vida dos novos estudantes precisam ser consideradas para que se efetive o atendimento dos adolescentes, jovens e adultos que buscam seu direito à educação (p. 105).

Estas considerações estão de acordo com as observações que temos feito sobre o perfil de alunos jovens da EJA em Itabirito. Entre os jovens e adultos entrevistados em Itabirito encontramos uma maioria originária do próprio município, mas percebe-se a presença de estudantes oriundos de cidades do entorno (Mariana, Piranga, Montes Claros, Manhuaçu) ou mesmo de outras regiões do Brasil (Carapicuíba - SP, Santa Catarina – RS, Queimados – RJ, Bahia - BA). Coincidindo com o grande quantitativo de estudantes jovens com menos de 20 anos observamos que a maioria dos participantes da pesquisa é solteira e não exerce atividade remunerada. Os que exercem, em sua maioria ainda dependem da família.

“De fato, a emergência das profissões modernas é consequência da divisão social e técnica do trabalho, exacerbada na divisão entre trabalho intelectual e manual, sendo hierarquizadas de acordo com as classes e estratos de classes sociais que poderão exercê-las. Do ponto de vista da formação, as profissões passam a ser classificadas de acordo com o nível de complexidade que, por sua vez, se relaciona com o nível de escolaridade necessário para o desenvolvimento de cada uma delas. É nesse sentido, então, que os contextos produtivos vão colocando exigências para a educação, seja de aprendizagens básicas, seja das aprendizagens específicas para o exercício profissional.” (RAMOS, 2010, p.75).

Quanto ao nível de escolaridade paterna e materna entre os alunos jovens e adultos e idosos do Centro Municipal Educacional de Itabirito (gráfico 2) evidencia-se um alto índice de desconhecimento da escolaridade dos genitores no total de alunos entrevistados. No entanto, as respostas daqueles que têm conhecimento da escolaridade dos pais indicam que o grau de instrução materna supera a paterna até o ensino fundamental, ficando para trás em nível do ensino médio. Segundo dados do IBGE:

Em todas as Grandes Regiões, as mulheres apresentaram médias maiores de anos de estudo. Em 2014, as mulheres tinham 8,0 anos e os homens, 7,5 anos de estudo. As maiores diferenças são apontadas na Região Norte, 7,6 anos para as mulheres e 6,8 anos para os homens; e na Região Nordeste, com 7,0 anos para as mulheres e 6,2 anos para os homens. A menor diferença foi encontrada na Região Sudeste, com 8,5 anos para as mulheres e 8,3 anos para os homens (IBGE, 2015, p. 47).

Este desnível de escolaridade entre os gêneros aqui apontados manifesta-se ao longo da história da educação constituindo ainda hoje uma realidade. Araújo e Guimarães (2014), em investigação realizada em três escolas municipais ofertantes da EJA na cidade de Mariana constataram ser mais elevado o número de estudantes mulheres do que o de estudantes homens. Estes dados confirmam pesquisas inferindo “que os homens abandonam mais rapidamente a escola do que as mulheres” (ANDRADA, 1990; BARRETO, 1981 *apud* ARAÚJO E GUIMARÃES, 2014, p. 8). Ainda segundo estas autoras essas pesquisas também mostraram “que fatores relacionados à segurança física, a responsabilidade com os familiares e os cuidados com o espaço doméstico são aspectos responsáveis pela evasão das mulheres do espaço escolar” (ARAÚJO e GUIMARÃES, 2014, *idem*).

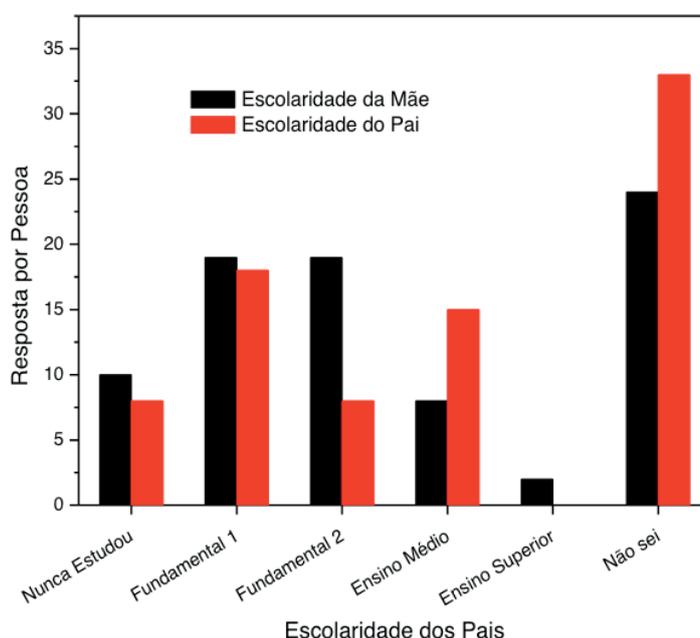


Gráfico 2: Nível de escolaridade paterna e materna da população pesquisada na escola Centro Educacional de Itabirito, 2014.

Fonte: LOPES JÚNIOR, J. E. Reflexões sobre o ensino de frações na EJA. UFMG, 2017.

5 | CONCLUSÃO

O retrato de alunos esboçado neste trabalho evidencia de modo preliminar uma investigação sobre o panorama da EJA vivenciado no município de Itabirito na escola Centro Educacional Municipal de Itabirito. Os dados relativos ao perfil dos alunos e alunas jovens e adultos nesta escola nos mostram que neste cenário estes que não tiveram oportunidade de estudos em situações diversificadas de suas vidas correspondem aos levantamentos gerais dos perfis de estudantes em outras pesquisas sobre EJA. São jovens e adultos trabalhadores ou em busca de

uma colocação no mercado de trabalho. Filhos e filhas de trabalhadores, às vezes migrantes de cidades vizinhas ou de outras regiões do Brasil. Alguns deles trazem somados a seu histórico de *reprovações e rupturas*, o próprio histórico paterno e materno de ausência de instrução a nível básico.

Em razão das especificidades dos sujeitos que frequentam a EJA, é necessário pensar uma escola diferente em seus currículos, conteúdos programáticos e nas ações que visam à construção do conhecimento. Diante deste fato, é preciso que enfrentemos com pensamento crítico novos modelos educativos para a sala de aula da EJA, não permitindo que sejam programas educacionais soltos, desconexos e superficiais que não apontam para a resolução de problemas reais que atingem as escolas, mas que estejam conectados com a vida e com o mundo que a rodeia.

Acreditamos que seja de grande valia este tipo de pesquisa sendo de interesse da comunidade escolar e não se restringindo apenas ao meio acadêmico, mas que parta também da iniciativa dos próprios professores em envolvimento com os estudantes. Um dos fatores que favoreceriam estas iniciativas diz respeito à criação de políticas que permitissem aos professores que lidam diretamente com os alunos da EJA e os que estão se licenciando um tempo efetivo e qualitativo de formação. O retrato de alunos da EJA diz respeito ao retrato dos professores da EJA. À complementaridade desses dois perfis no espaço escolar não interessa sua separação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. R. *Os sujeitos educandos na EJA*. 2011. Disponível em: <http://www.forumeja.org.br/files/Programa%203_0.pdf>. Acesso em 16/04/2011.

ARROYO, Miguel. A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. In. *Construção coletiva: contribuições à Educação de Jovens e Adultos*. Brasília – UNESCO, MEC, RAAAB, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação e do Deporto. Secretaria de Ensino Fundamental. *Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série*. Brasília: SEF, 2002, vol. 3.

BRASIL, Parecer CNE 11/2000: *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: Câmara de Educação Básica, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf1/proeja_parecer11_2000.pdf. Acesso em: 16 de dezembro de 2012.

CAMARGO, P. S. A S.; MARTINELLI, S. C. Educação de adultos: percepções sobre o processo ensino-aprendizagem. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*.v 10, n 2, Jul/Dez, 2006, p 197-209

CNE/CEB no 01/2000 e Parecer CNE/CEB no 11/2000.

CERATTI, M. R. N. *Evasão escolar: causas e consequências*. Disponível em <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/242-4.pdf> Acesso em 11/12/2016

COSTA, Luís; ARAÚJO, Regina; M. B. EJA em Ouro Preto: a relação Estado e currículo na Educação de Jovens e Adultos – ensino médio. *EJA EM DEBATE*, Florianópolis, vol. 5, n. 7. jul. 2016.

FERREIRA, Lorene D. M. *Juvenilização de jovens e adultos de Ouro Preto/MG: trajetórias e perspectivas dos estudantes mais jovens*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Ouro

Preto, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015.

FREITAS, Angelita A. A. *Professores iniciantes na educação de jovens e adultos: por que ingressam? o que os faz permanecer?* Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Ouro Preto, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.

FONSECA, Maria da Conceição F. R. *Educação matemática de jovens e adultos: Especificidades, desafios e contribuições*. v. 1, 112 p. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FORTUNATO, Ivan. Educação de jovens e adultos. *Revista de Estudos Universitários - REU*. Sorocaba: São Paulo, v. 36, n. 3. P. 281-283, dez 2010.

GATTI, Bernadete. Formação inicial de professores para a educação básica: pesquisas e políticas educacionais. *Est. Aval. Educ.*, São Paulo, v. 25, n. 57, p. 24-54, jan./abr. 2014.

GIL, Antônio C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996. Métodos e técnicas da pesquisa social. São Paulo: 1987.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas*. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhorendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2016.

LOPES JÚNIOR, J. E. *Reflexões sobre o ensino de frações na EJA*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação e Docência/MP, UFMG, 2017.

MACHADO, Maria M. Tema II – O aluno. In. HADDAD, Sérgio. *Educação de jovens e adultos no Brasil (1986-1998)*. Brasília: MEC/Inep/ Comped, 2002, p. 47-63.

MACGREGOR, M., MOORE, R. *Teaching mathematics in a multicultural classroom*. Melbourne/Australia: University of Melbourne, School of Science and Mathematics Education, 1991.

OLIVEIRA, M. C. *Metamorfose na construção do alfabetizando pessoa*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS. 1996

OLIVEIRA, Bruno C; ARAÚJO, Regina M. B. A; COUTRIM, Rosa M. E. A Educação de Jovens e Adultos em cinco municípios de Minas Gerais: quem são os alunos da EJA? In. *VIII Fórum Internacional de Pedagogia – FIPED*. Maranhão – MA: AINPGP/UFMA, 2016.

RAMOS, Marise N.; FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. A gênese do Decreto n. 5.154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita. In: *Ensino Médio Integrado: Concepção e Contradições*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2005a

ROSA, M.; OREY, D. C. A influência dos fatores linguísticos no ensino aprendizagem em matemática: o caso dos Estados Unidos. *Zetetiké*, v. 19, número temático, p. 486-503, 2010.

ROSA, M.; OREY, D. C. Um estudo etnomatemático da influência da linguagem no ensino e aprendizagem em matemática. In: FREITAS, A. C; AMARILHA (Orgs.) M. *Anais do 7o. Seminário de Educação e Leitura: Desafios e Criatividade*. Natal, RN: UFRN, 2013. pp. 685-695.

SANTOS, G. L. Educação ainda que tardia: a exclusão da escola e a reinserção de adultos das camadas populares em um programa de EJA. *Revista Brasileira de Educação*. n.24. set-dez 2003.

SILVA, L.S.G. *Juvenilização na EJA: experiências e desafios*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação da Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2010, 108 p. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/27414>. Acesso em: 15 de novembro de 2013.

SOUZA, A. B. *A escola representada por alunos de cursos de alfabetização e pós-alfabetização de jovens e adultos que passaram anteriormente pelo ensino regular: Contribuição à compreensão do cotidiano escolar*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-SP, 1994.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 85, 87

Acre 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 113, 114, 149

Adaptação escolar 84, 85, 87

Alteridade 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 243

Análise de conteúdo 25, 29, 33, 206

Aprendizagem pela prática 97, 102, 103

Aprendizagem significativa 123, 124, 125, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 138, 139, 213

Autoria 36, 49, 152, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176

C

Ciência 16, 42, 50, 52, 55, 56, 66, 97, 99, 100, 108, 109, 181, 182, 184, 187, 201, 202, 206, 207, 211, 220

Competências linguísticas 1, 4, 7, 11, 12, 171

Comunicação 6, 8, 9, 25, 26, 27, 32, 33, 34, 36, 37, 50, 51, 70, 78, 87, 91, 112, 114, 131, 174, 179, 181, 190, 191, 222, 225, 226

D

Didática profissional 97, 98, 99, 103, 104

Dinâmica da terra 15, 16, 17, 19

E

Educação de jovens e adultos 71, 72, 73, 78, 80, 82, 83, 113, 114, 194

Ensino 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 35, 36, 37, 41, 49, 50, 52, 55, 56, 59, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 129, 130, 131, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 161, 170, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 187, 189, 190, 191, 194, 195, 201, 202, 205, 206, 207, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 245

Ensino aprendizagem 64, 66, 69, 83, 88, 119, 180, 182, 183

Escola acessível 85

F

Ferramenta didática 88, 89, 91, 94

G

Gamificação 35, 37, 38, 39, 48, 49, 50, 51

Gamificação no ensino superior 35

H

Horta 149, 150, 151, 152, 153

I

Identidade 27, 79, 124, 126, 128, 143, 144, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 214, 215, 218, 219, 230, 231, 235, 237, 238, 239, 240, 243, 244

Inserção social 1, 6, 56

J

Jogo digital 67, 123, 124, 125

Jovens 50, 69, 71, 72, 73, 74, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 89, 113, 114, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 194

L

Literatura infanto-juvenil 140, 141, 142, 145, 181

M

Maquetes 15, 16, 17, 18, 19

Matemática 44, 55, 83, 96, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 151, 152, 180

Metalografia 97, 103, 104

Metodologias ativas de ensino 97, 102

N

Novos saberes 123, 124

O

Oralidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 34, 220, 221, 223, 224, 225, 226

P

Paródias 15, 16, 17, 18, 21, 22

Perfil de alunos 71, 73, 78, 80

Pesquisa ensino e aprendizagem 149

Projeto de aprendizagem gamificado 35

Q

Queimadas 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Química 50, 55, 57, 70, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 107, 123, 126, 139

R

Rádio 25, 27, 28, 29, 32, 33, 34

Região dos inconfidentes 71, 73, 75, 79

S

Sala de aula invertida 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96

Seleção de materiais 97, 99, 100

Semiárido 25, 26, 30, 31, 32, 33

Sentidos 28, 105, 107, 109, 143, 144, 145, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 175, 228, 234

Silenciamentos. 171

Simple soroban 113, 114, 117

Sociedade 3, 5, 6, 7, 8, 10, 13, 16, 26, 32, 38, 42, 52, 55, 56, 57, 61, 75, 89, 94, 122, 131, 136, 138, 141, 143, 145, 147, 155, 167, 169, 170, 172, 174, 175, 177, 182, 184, 187, 204, 206, 210, 211, 212, 220, 221, 223, 227, 235, 242

Spot 25, 28, 29, 30, 31, 32

T

Tecnologia 21, 23, 38, 39, 47, 50, 51, 52, 55, 56, 58, 66, 68, 69, 70, 90, 95, 113, 114, 117, 118, 119, 120, 133, 190, 202, 213, 220

Tecnologia da informação 114, 213

Trabalho 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 25, 26, 28, 42, 43, 45, 50, 51, 52, 56, 57, 62, 66, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 88, 89, 94, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 108, 113, 114, 115, 117, 118, 121, 125, 126, 129, 136, 140, 149, 150, 151, 152, 155, 166, 169, 170, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 195, 196, 204, 210, 212, 213, 214, 222, 226, 236, 239

Tradução intercultural 140, 142, 145, 147

Transdisciplinaridade 50, 149, 150

V

Vídeos 15, 16, 17, 18, 21, 22, 35, 56, 63, 92, 93, 94, 152, 183

